

PORTUGAIS

Commenter en portugais le texte suivant et le traduire de « No seu nítido recorte, esta fotografia prova-me que todas as imagens, ... » jusqu'à « ... nas comunidades espirituais do guru Marahaji, na margem sul. »

MIRADOURO DE S. PEDRO DE ALCÂNTARA 25 DE ABRIL DE 1974

Não são de felicidade as lágrimas que inundam o rosto de Armanda, aqui sentada no meio de um banco de jardim com um cravo vermelho pendendo do casaco de malha branco. As mulheres que de ambos os lados a abraçam são desconhecidas que pararam ali um segundo, para dar descanso às pernas que corriam em tropel do Largo do Rato para o Camões, e depois para o Chiado, e depois para o Rossio, querendo estar em todas as partes da alegria daquela revolução ao mesmo tempo. Traziam sacos carregados de leite, laranjas e cravos para distribuir pelas tropas exaustas, e emocionaram-se com as lágrimas que lentamente afogavam aquele rosto. «Então amiga, este já não é dia de choros, vá! Tem o seu homem no Ultramar, será? Mas olhe que num instantinho ele volta, que agora o povo é quem mais ordena! O meu filho também está para Angola, mas já disseram na rádio que a guerra acabou. Anime-se, moça!»

Eu tinha saído disparada de casa a meio da manhã, com a câmara ao pescoço, Natália pela mão e Jenny aos gritos, perseguindo-me até ao portão, chamando-me louca, irresponsável, tentando impedir-me de ir com a menina para o perigo da cidade sitiada. Beije-a, abracei-a, prometi-lhe manter-me à margem da confusão e corri para a Baixa. A minha filha jogou ao berlinde e à macaca, por entre as pernas dos adultos, nos passeios superlotados, com outras crianças. Ofereceram-lhe dentadas de bolos e metades de chocolates. Almoçámos sanduíches e maçãs, sentadas na borda da fonte do Rossio. E ao princípio da tarde, no Camões, vejo a Armanda a correr para mim, esgotada, de braços abertos, desfeita em lágrimas. Procurava-me desde manhã, telefonara lá para casa, correrera a Baixa inteira vezes sem conta. O João Paulo, aparentemente tão sólido, tão instalado na domesticidade, tão empenhado nos seus alunos, tão exímio a arrumar a casa, saltara para o espaço exterior. Abandonara-a na véspera à noite. E trocara-a, como num fado vadio, pela maior amiga dela.

Ninguém duvidava de que o grande amor da vida do João Paulo tinha sido exactamente a São, e que ele acabara por casar com a Armanda porque ela era a réplica realista dessa paixão irreal. Armanda e São partilhavam um quarto alugado, nesses tempos da Faculdade, e era impossível rondar uma delas sem tropeçar na outra. E enquanto João Paulo cercava São que nem olhava para ele, Armanda parecia transformar-se de dia para dia numa fotocópia de São em versão enfática. Andava, vestia, sorria e cheirava como a amiga, sempre de olhos postos em João Paulo, que nem dava pela sua existência. Trivial. No fim do curso a São arranhou um emprego no Porto, e seis meses depois João Paulo casava-se com Armanda. Agora, seis anos depois, a São voltara e parece que desta vez se dedicara a olhar com atenção para João Paulo. Armanda jurava ter sido completamente colhida de surpresa: nunca, até à noite anterior, suspeitara de nenhuma inclinação, um fraquinho só que fosse, do seu João Paulo pela São de quem copiara o perfume.

No seu nítido recorte, esta fotografia prova-me que todas as imagens, as mais sinceras delas, podem ser uma fraude. A água dos olhos de Armanda brilha como um rio acabado de escapar às comportas; o cravo, as mulheres que a abraçam sorrindo, o sol nos cabelos, as crianças, nada revela o drama trivial que este instantâneo do 25 de Abril esconde.

40 No entanto, depois de contada a história desta fotografia, ela permanece, para mim, um símbolo quase premonitório. O divórcio tornar-se-ia, nos anos que se seguiram, uma pequena tragédia quotidiana. As reportagens da época explicavam essa avalanche de separações como uma consequência penosa, mas natural, da liberdade. Afinal, parecia haver
45 uma multidão de casais entaipados um no outro por dever, medo, hábito ou resignação aos quais a torrente da revolução, com as suas canções sobre a gaivota que voava, voava, dava um alento libertador.

Pode ser que tenham existido casos assim, de heróis camilianos escapados à condenação de um matrimónio forçado, mas nunca os encontrei. O que aconteceu a muita gente da minha geração foi infinitamente mais cândido e banal: apaixonaram-se pela política,
50 e deixaram que os partidos lhes dividissem o coração. O homem entregava-se ao comunismo, a mulher ao socialismo, ou à social-democracia (que ainda eram coisas diferentes). Ou vice-versa. E começavam a gritar um com o outro. Assim assistimos à expansão do divórcio entre as elites ilustradas do país. Dez anos depois, quando se tornou claro que a democracia também não garantia paz, pão, saúde, habitação, e que a felicidade terrena continuava a espelhar-se
55 nas caras dos mesmos ricos de antigamente, a religião começou a substituir a política, e o divórcio expandiu-se como um direito popular. Desta feita a vanguarda separatista era formada por um exército de mulheres. Fartas de trabalhar cada vez mais em casa e nas fábricas, a troco de menos segurança e menos dinheiro, elas procuraram repouso na transcendência. Várias colegas minhas largaram o lar, confiando os filhos aos seus
60 extremosos maridos, para ingressarem nas comunidades espirituais do guru Marahaji, na margem sul.

Nos olhos alagados de Armanda leio hoje o desespero dessa esperança que mudou definitivamente a paisagem dos afectos nos últimos vinte anos. Entretanto, também a fotografia se divorciou dentro de si mesma: fugiu do real para o íntimo. Hoje, ninguém parece
65 interessado em testemunhar nada, a reportagem fotográfica tornou-se um trabalho menor, entendida como uma espécie de redundância ingénua da realidade. Mas a realidade não existe. É isso o que Armanda me diz no silêncio deste retrato de euforia. As fotografias de moda, ou de arte, com os seus estudados contrastes e a sua encenação estética construída ao milímetro, isso é que é para mim a realidade. Vejo-as nas paredes das galerias, tão filhas do
70 seu tempo, tão seguras do seu recital de referências, e fujo delas, porque as convenções da beleza fixam as oscilações do olhar.

Dantes preferia o preto e branco, porque a cor me parecia demasiado manipulável. E porque o mundo era a preto e branco. Agora é a realidade que me aparece a preto e branco,
75 a realidade destes dias em que a beleza se tornou obrigatória e se rege pelas regras mínimas da lisura completa dos corpos e da frugal esquadria das sombras sobre os acessórios da ausência. Num futuro próximo, poderemos escolher por catálogo a nossa cara, e as caras dos ídolos mortos cairão no domínio público, a bem da ideia ingénua de reconstituir o sucesso através de um rosto. Talvez a vulgarização da beleza acabe por a fazer regressar, em saturação, à subjectividade que inventou a arte. Quanto mais intensa é a fonte de luz, menos
80 suportável é olhá-la e mais sombra provoca, até que apenas um lado seja visível. O século vinte é uma era de penumbra. Por isso é tão difícil fotografá-lo, e por isso trabalho tanto.

Inês PEDROSA, (1962-), *Nas Tuas Mãos*, 1997.